

VINTE ANOS: PERSPECTIVAS



A PARTIR DE UMA TESE*

Pedro Antonio Chagas Cáceres**

CÁCERES, Pedro Antônio Chagas. *Mortes Violentas: o Sentido da Fé para Quem Fica*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2019. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/4225>.

O Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião, ao longo de vinte anos de história consagrada, oportunizou aos seus inúmeros discentes vastos caminhos desafiadores, para a edificação de dissertações e teses que só poderiam ser desenvolvidas neste programa. A tese abordada abaixo é um dos fortes exemplos das grandiosas contribuições científicas que deste programa tem realizado para a produção local, regional e nacional.

O interesse pela temática da morte esteve presente desde a minha infância. Compreender o fenômeno em si, seus desdobramentos e o inescapável sentimento doloroso de perda que ele produz, naqueles que ficam, não é apenas um interesse acadêmico. Dialogar com as várias dimensões da morte e do morrer é um processo fundamental para a compreensão do sentido da vida.

Nos primeiros anos da minha existência a morte chegou aos meus olhos por meio do suicídio, no pequeno parque de diversão instalado no bairro. O trapezista não suportou a falta de correspondência afetiva de sua amada, dando fim à sua vida

* Recebido em: 01.03.2020. Aprovado em: 09.03.2020.

** Doutor e Mestre em Ciências da Religião (PUC Goiás). Pós-Doutorando em História (UFG). Pós-Graduado em História (UFG). Bacharel em Filosofia (UFG). Licenciado em Filosofia (PUC Goiás). Professor no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião (PUC Goiás). Coordenador da Lamut – Estudos da Morte e do Morrer. *E-mail*: logos71@hotmail.com

no alto da roda gigante. Como homicídio de um amigo de infância esfaqueado na praça central do bairro – em um domingo banhado de sol. Como atropelamento de um colega de catequese, colhido por um ônibus quando estávamos brincando de “salve-cadeia”. Através de um telegrama que anunciava a morte violenta de meu tio Pedro. O grito de dor da minha mãe transpassou meus ossos, o frio de seu sofrer ecoa, até hoje, nas minhas lembranças.

As dores dos vizinhos eram compartilhadas pela criançada que patrulhava as ruas de terra, nas casas humildes que nos convidavam para a partilha dos sofreres. As cenas do morto com chumaços de algodão nas narinas, o cheiro de velas e flores, os parentes silenciados pelo horror da morte, os cochichos, as lágrimas – a placa de velório colocada na entrada dizia que alguém havia se mudado, para sempre.

A morte foi boa para muitos dos meus entes. Levou meu pai, minha irmã, minha mãe e todos os meus tios, além de outros familiares, amigos e colegas. A morte pode e é esperada para muitos que sofrem, mas não é este o tema desta tese. Não falarei da boa morte, da morte que faz o moribundo expressar um sorriso com a sua chegada. A tese terá o encargo de desdobrar “As mortes violentas: o sentido da fé para quem fica”. Não falarei das mortes naturais, das mortes provocadas por doenças ou por acidentes da *physis*. As mortes violentas são mortes evitáveis, são mortes que não deveriam ocorrer, mas ocorrem em grande número, infelizmente, neste Brasil.

Partir de uma vivência vulgar sobre a morte, para o plano acadêmico – no princípio pareceu ser um projeto muito desafiador, mas não poderia imaginar que seria tão grandioso como se apresentou. Sempre que enfrento o desafio de exercer o papel de intelectual, lembro-me de Aristóteles que defendia o tempo ocioso para o desenvolvimento das tarefas mais elevadas do espírito. Se acaso fosse seguir os conselhos do filósofo macedônico nunca poderia ter escrito uma única linha, nem tampouco produzido uma tese.

Entre os planejamentos e as execuções das inúmeras aulas semanais, divididas com a universidade e o colégio, entre a função de coordenador nas duas instituições onde sou traidor do ideal grego, entre as orientações dos alunos/pesquisadores de iniciação científica, entre as várias reuniões, entre o trânsito, os compromissos diários, o papel de pai, marido, filho e cidadão, essa tese foi sendo construída com muito entusiasmo, coragem e cafeína.

O maior desafio desse projeto foi o campo, não imaginava que seria tão homérico. Olhar os 8.848 metros do Everest e querer superá-los é um desafio magno, mas essa não é a grande questão. Os verdadeiros e maiores problemas se apresentam quando você está no meio da escalada. Não tinha – nem de longe – a mínima noção dos labirintos guardados naquela sala do Instituto Médico Legal(IML). Foi preciso escalar cada rocha, cada pedra solta, cada precipício que se apre-

sentava na realidade brutal de cada familiar, que era dilacerado pelas dores da morte do seu amado, que há poucas horas estava vivo, mas que – naquele momento – jazia na mesa fria do instituto.

Sobre as resoluções metodológicas, o objetivo primário do tema consistiu em descrever o papel da religião como fornecedora de sentido (bens de salvação) para os familiares daqueles que morreram pela via das mortes violentas (homicídios-mortes decorrentes de acidentes de transportes terrestres [ATT] e suicídios). Os objetivos secundários da tese tiveram como foco central a compreensão da construção histórico-sociológica da morte e do morrer no Ocidente, no desenvolvimento histórico do Brasil e as suas conexões com a realidade atual do país, do Estado de Goiás e da Grande Goiânia. Demonstrar e problematizar o crescente número de mortes violentas (homicídios, mortes no trânsito e suicídios) no Brasil, em Goiás e na Grande Goiânia, nos últimos 10 anos e analisar as raízes da violência no referido país.

Algumas hipóteses foram abordadas acerca dos aspectos centrais e periféricos, que durante o desenvolvimento da tese foram investigados. A visão sobre a morte e o morrer na contemporaneidade teria afastado o indivíduo do conviver mais próximo e natural deste fenômeno (ARIÈS, 2003)? As mortes violentas atingem, em grande número, as minorias, além de serem banalizadas no Brasil? Na Modernidade Líquida (BAUMAN, 2001), não há preparo, de nenhuma forma, para se lidar com a morte, promovendo a sua industrialização e seu individualismo (LIPOVETSKY, 1989). O tema morte, na grande Goiânia, é negado e tratado como sujo, desprezível, ou como um espetáculo? A religião é uma forte aliada no processo de dor e sofrimento das famílias? A religião é um fator decisivo para se lidar melhor com a morte de um ente querido, contribuindo com a reconstrução e a solidez do existir?

Em relação à relevância temática é importante ressaltar que as diversas formas de violência que provocam mortes evitáveis crescem de forma alarmante em todo território brasileiro, afetando o seio das famílias e as inúmeras dimensões da sociedade. Por essa razão foi necessário investigar as mortes violentas e o papel da religião na atribuição de sentido e apaziguamento da dor e do sofrimento para àqueles/as que perderam seus entes próximos de forma abrupta e violenta.

Dos diversos mecanismos oferecidos para atribuir sentido à existência humana, a religião, sem dúvida, é a mais popular e tradicional. Um dos atributos fundamentais da religião é o fornecimento de vias seguras, para a existência daquele que crê. Esta lógica fornece o tom e o equilíbrio de sua vida conjugada na temporalidade e na crença de que há uma imortalidade em outro estágio. Seu corpo perece, mas seu ser viverá infinitamente. Deste modo não há o fim definitivo com a morte, ela é apenas uma transitoriedade para outra forma de

existência. É evidente que essa visão religiosa de mundo é apenas uma forma de enxergar e dar sentido à existência. Ressurreição, encarnação, reencarnação, translações das almas, enfim, várias maneiras de negar a morte como fator exterminador da existência. Por essas razões a grande questão da tese consiste em compreender o sentido da fé para quem fica. Levantar e analisar de que maneira o indivíduo – com sua idiossincrasia de fé e espiritualidade, busca respostas e compreensões frente à natureza inexorável da morte e do morrer.

Sobre a metodologia afirma Martins (2004) que por metodologia entende-se o conhecimento crítico dos caminhos do processo científico, que indaga e questiona acerca de seus limites e possibilidades; e o reconhecimento de que todo conhecimento sociológico tem, como fundamento, um compromisso com valores. Quanto aos métodos de investigação, para Gil (2007) um método quantitativo utilizado numa pesquisa possibilita uma análise direta dos dados, possui grande facilidade demonstrativa dos achados, possibilita a generalização pela representatividade e torna possível a inferência destes achados para outros contextos.

A pesquisa qualitativa, por sua vez, segundo Turato (2005), busca o significado das coisas, porque este tem um papel organizador nos seres humanos. O que as “coisas” (fenômenos, manifestações, ocorrências, fatos, eventos, vivências, ideias, sentimentos, assuntos) representam, dá molde à vida das pessoas. Entendemos que as duas abordagens se complementam e, nesta investigação, optei por uma metodologia quanti-qualitativa, uma vez que nessa forma de investigação não se busca estudar o fenômeno em si, mas entender seu significado individual ou coletivo para a vida das pessoas.

Para a pesquisa de campo, foram selecionados vinte e cinco (25) participantes/familiares de vítimas de mortes violentas, os mesmos responderam a um questionário socioeconômico (perguntas fechadas) e a um questionário estruturado, com perguntas abertas. O critério de seleção foi através de uma abordagem efetuada pelo pesquisador responsável, diretamente aos participantes da pesquisa. O local para as entrevistas foi no Núcleo Regional de Polícia Técnico-científica de Aparecida de Goiânia (NRPTC), órgão ligado à Secretaria de Segurança Pública e Administração Penitenciária do Estado de Goiás (SSP GO), localizado na Rua 01, s/n– Vila São Joaquim – Aparecida de Goiânia – GO. O espaço para as entrevistas, individuais, foi em uma sala separada e cuidadosamente isolada – para que a integridade dos entrevistados fosse preservada. O tempo estimado para a leitura do TCLE e as respostas ao questionário teve entorno de 45 minutos.

Responderam ao questionário familiares de vítimas de mortes violentas, com idade igual ou superior a dezoito (18) anos de idade e que queriam participar com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Este pro-

jeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da PUC Goiás e obedeceu rigorosamente às regras do CONEP (CAAE 84984817.2.0000.0037, número do parecer: 2.551.209).

Entre os atributos da pesquisa quanti-qualitativa destaca-se o fato da contribuição dada por este método ao rigor da validade dos dados coletados, já que a observação dos sujeitos, por ser acurada, e sua contribuição, por ser em profundidade, tendem a levar o pesquisador bem próximo da essência da questão em estudo. Após as coletas de dados serem feitas, as análises de consistência, saltos, codificação e recodificação, digitação em software para base estatística, conhecida como *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), a digitação e checagem foram geradas frequências simples de cada questão e os cruzamentos simples e múltiplos para a análise quali-quantitativa.

Instrumentos: seguindo as orientações de Pasquali (2003, p. 45-52), foi estruturado um instrumento avaliativo quanti-qualitativo:

Dados quantitativos: Questionário com 10 questões fechadas – Bloco 1: questionário socioeconômico e Bloco 2: questionário sociorreligioso (14 questões). Os dois blocos abrangem: [dados pessoais; capital cultural; profissão; posição religiosa/espiritual; origem, posicionamentos sociais e prática religiosa]. Dados qualitativos: no mesmo questionário apresentado à totalidade dos participantes, a incorporação de 13 questões abertas (importância da espiritualidade – religião como atribuidora de sentido). Procedimentos ainda, conforme orienta Pasquali (2003, pp. 38-44), respeitada a resolução 466/12, realizou-se, durante toda fase da pesquisa, a construção e a revisão conceitual sobre o objeto: sentido da fé para quem fica.

Na fase da coleta de dados, a aplicação dos questionários foi feita pelo pesquisador em dias e horários alternados (meio e finais de semana), pois não há no Instituto Médico Legal, períodos determinados para a entrada dos corpos das vítimas de violência. Assim, a aplicação dos questionários foi precedida de pré-teste (PASQUALI, 2003, p. 52-58). Na fase de tabulação dos dados quantitativos foi utilizado o software SPSS. Análise dos dados: quantitativos – seguindo-se a orientação de Minayo (1999), fez-se a consideração dos dados por meio de procedimentos estatísticos, obedecendo a seguinte sequência: definição das variáveis, a partir dos dados coletados no questionário e na Escala Likert; representação gráfica das amostras de dados relativas às variáveis obtidas no questionário e na escala Likert. Dela faz parte, a identificação das variáveis e das amostras de dados, o valor da média e do desvio padrão de cada amostra, bem como a diferença entre as médias e os resultados finais; apresentação dos resultados provenientes da aplicação dos testes estatísticos; análise dos dados representados nos gráficos e tabelas.

Análise dos dados qualitativos: para o caso das questões abertas, foi selecionada aleatoriamente uma amostra de 10% do total dos questionários que receberam tra-

tamento diferenciado, a partir da consideração das ideias-chave, repetições e incidências de argumentações sobre os diferentes aspectos que se destacarem nas respostas dos participantes. Seguindo as orientações de Martins e Bicudo (2003) e de Minayo (1999), a análise de dados foi feita em quatro momentos: a) o sentido do todo - leitura da descrição do relato após a transcrição sem buscar qualquer interpretação; b) nova leitura e outras mais para discriminar as unidades de significado, anotando-as diretamente no texto para ir focalizando o fenômeno que está sendo pesquisado. c) transformação das expressões cotidianas do sujeito – o objetivo é chegar às categorias; d) síntese das unidades de significado – todas as unidades de significado devem ser levadas em conta para estruturação de categorias para análise.

Os critérios de Inclusão seguiram a seguinte resolução: terem assinado o TCLE; serem parentes das vítimas e possuírem idade igual ou superior a 18 anos. Os critérios de exclusão: deixar de responder os três itens de alguma dimensão avaliada; negar-se a responder aos dois questionários propostos; retirar o consentimento a qualquer momento, não ter completado 18 anos de idade.

A tese foi organizada e desenvolvida em três capítulos conectados intimamente com as diretrizes, os objetivos, as hipóteses e os caminhos metodológicos descritos. No primeiro capítulo foi determinado, como estrutura do texto, uma abordagem geral do tema, para que o complexo cenário fosse construído, antes que os autores principais ocupassem seus devidos lugares nas cenas factuais da vida. Não obstante, mesmo no primeiro capítulo as evocações e falas dos familiares tiveram destaque fundamental, nas análises e problematizações da tese.

O Primeiro Capítulo foi intitulado de “A morte, o morrer e a construção do mundo transcendental”. Várias abordagens teóricas foram utilizadas para a compreensão da morte, do morrer, da violência e da religião. Em primeiro lugar a Historiografia foi utilizada para destacar os pressupostos da morte e do morrer na Modernidade. A Filosofia, a Sociologia, a Antropologia e outras áreas foram fundamentais para o entendimento de vários fatores, como o medo da morte, o problema das teodiceias, a questão do mal, os arcaísmos da violência e o sentido da fé para quem fica.

“Fé e resistência – mortes violentas no Brasil” é o título do Segundo Capítulo. Nesta parte da tese as mortes violentas no Brasil (nacional, regional e local) foram abordadas numericamente e qualitativamente, em conjunto com as ocorrências relatadas no Instituto Médico Legal. A religião e as raízes da violência no Brasil contribuíram para desmascarar a cordialidade em terras brasileiras. Essa violência foi apresentada em números alarmantes sobre as taxas de violência no país, em particular no Estado de Goiás e na Grande Goiânia.

Na última parte do capítulo, a morte violenta foi abordada em seus lugares mais cotidianos, os bairros pobres violentos e desassistidos deste país, revelando que

os maiores números de mortes violentas são provocados pela negligência dos governos ao longo dos séculos. A morte se revelou na violência direcionada à mulher (feminicídio), fruto de uma sociedade culturalmente patriarcal e misógina, somada a violência letal contra a população LGBTI+. Também na morte violenta de jovens, pretos, pardos e pobres de bairros periféricos. Esta abordagem ganhou reforço com os números das pesquisas nacionais (Atlas e Mapa da Violência 2018) e a maioria das vítimas do IML, estudada nesta pesquisa. A morte violenta frente à degenerescência da fé nas decisões dos suicidas e a morte provocada por acidentes de transportes terrestres (ATT), também fizeram parte fundamental do segundo capítulo.

No terceiro e último capítulo abordei “A maior dor do mundo e a religião”. Em todos os capítulos os sentimentos, as dores e sofrimentos, as impressões dos familiares sobre as mortes violentas de seus parentes sofram abordadas, mas no terceiro capítulo houve um aprofundamento teórico e analítico na tentativa de compreender mais detalhadamente essa dor imensurável e o sentido da fé para quem fica.

Para esta finalidade foi preciso compreender as representações do sagrado e a busca da solidez existencial dos familiares. Os processos terapêuticos da fé em Deus e na família como fortalecimento em meio à liquidez na modernidade. O capítulo também abordou o porquê da morte e a função da memória. Uma forma eficaz e salutar de conviver com a ausência daqueles que não estão mais, fisicamente, entre os vivos. Foi explanada – a partir das falas dos familiares – a crença nos planos de Deus – a questão do destino e o princípio de autonomia e por fim a religião como atribuidora de sentido da dor e da morte.

É muito importante destacar que a tese não teve o propósito de abordar o sentido da morte para todas as confissões e/ou interpretações sagradas sobre este fenômeno. Atendendo ao chamado da própria pesquisa empírica, em que todos os familiares se posicionaram como cristãos, o texto abordou – de forma preferencial, o cristianismo – com a finalidade de compreender mais detidamente o sentido da fé para essas pessoas. De todos os vinte e cinco entrevistados, doze disseram ser protestantes, sete se indicaram católicos, dois mórmons, um espírita e três parentes confessaram não possuírem religião, mas acreditarem em Deus.

Um dos propósitos fundamentais da pesquisa era evitar possíveis influências dos líderes religiosos, ou mesmo uma aproximação do discurso oficial do campo religioso de cada familiar. O velório, a missa de sétimo dia, para citar dois exemplos, são situações em que o familiar recebe e reinterpreta inúmeras vezes, seus sentimentos e evocações sobre a morte. Portanto a intenção era justamente ouvir o entrevistado, os seus sentimentos, as suas hermenêuticas de fé e credo, em um ambiente neutro, ou seja, longe – física e espacialmente, de

qualquer templo religioso. Além de compreender o sentido da fé nas primeiras horas do comunicado da morte.

Compreendo que a própria abordagem científica, neste momento extremamente delicado, é uma forma de violência para com o familiar. Reconheço que para alcançar os objetivos acadêmicos, as pesquisas de campo se deparam com questões que merecem o máximo de humanidade, apesar do forte apelo técnico-científico. Por essa razão o respeito e a dignidade de todos os envolvidos, pautaram o alvorecer, o desenvolvimento e o crepúsculo dessa tese.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES E PERSPECTIVAS

Na arena da vida concreta, a religião desempenha um papel fundamental na atribuição de sentido, na constituição do *nomos*, no equilíbrio perante o caos provocado pela morte, ou pelo sentimento humano frente à morte. Nos cenários sociais descritos pela tese, a urgência da religião se faz ainda mais necessária, em razão da intensidade dos problemas descritos.

A religião, tomada em seu sentido mais amplo e livre das amarras institucionais, comungada – na medida do possível, em cada indivíduo que se utiliza de seu arcabouço simbólico para se fortalecer nos momentos de desespero. Deste modo, a religião cumpre seu papel atribuidor de sentido, visto que a morte representa o fim último dessa existência. Portanto, a fé, em cada membro da família e em Deus, cria uma espécie de força aglutinadora determinante para manter a vida em salutar e concreto equilíbrio.

A espécie humana é dotada de uma força digna de debruçares complexos. Nos momentos em que as energias vitais parecem desaparecer em que o sentido da vida se dissolve nas águas turvas das mortes violentas, o homem questiona: “Deus, onde estás?” E é justamente na fé desta pergunta que ele encontra forças capazes de erguê-lo.

O desejo de paraíso se realiza no churrasco sobre a laje, no sorriso do netinho, na esperança de ser um eterno aprendiz. “Ah meu Deus! Eu sei, eu sei que a vida devia ser bem melhor e será, mas isso não impede que eu repita. É bonita, é bonita e é bonita” (GONZAGUINHA). “À pergunta: ‘O que sobrou do paraíso?’ a fé cristã continua a responder: graças à ressurreição do Salvador, um dia todos nós daremos as mãos e nossos olhos verão a felicidade” (DELUMEAU, 2003, p. 508).

Por fim, como resposta conclusiva de todos os elementos apresentados, o autor da tese espera ter – de alguma forma – honrado as memórias dos mortos abordados na pesquisa, além de todos os outros que somam uma melancólica e cruel realidade do Brasil. São eles ex-moradores deste planeta, deste país, desta Grande Goiânia que fora chamada de ‘fazenda asfaltada’, mas que carrega em sua

gente o medo de aqui viver. Espero, também, que a violência transvestida de abordagem acadêmica, possa ser relevada pelos familiares que contribuíram ricamente com os fatores determinantes deste trabalho. E finalmente desejo que o aporte teórico, e a possível originalidade dessas linhas possam – verdadeiramente contribuir – singelamente – com futuros estudos. Por mais que as mortes violentas insistam em ceifar a vida – a fé sempre dará em dobro o sentido necessário para que os vivos encontrem motivos sólidos para fincar suas raízes em rochas sagradas.

A conclusão dessa pesquisa demonstrou que a particularidade desse Programa exerce um determinante papel no campo científico, tanto para o Centro Oeste, quanto para o Brasil. Ter a honra de vivenciar o Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião, como estudante e pesquisador e agora como professor foi e é uma experiência extraordinária, pois revela o crescimento gradativo desse jubiloso programa e de seu corpo docente e discente.

Notas

- 1 Cidades que fazem parte da cobertura do IML (Aparecida de Goiânia): Aparecida de Goiânia, Abadia de Goiás, Aragoiânia, Bela Vista de Goiás, Bonfinópolis, Caldazinha, Cezarina, Cristianópolis, Guapó, Hidrolândia, Indiara, Jandaia, São Miguel do Passa Quatro, Senador Canedo e Varjão.
- 2 Foram consideradas, alternativamente, duas bases de dados com o número anual de homicídios registrados nos países. A princípio, utilizamos os dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), tomando por base o número de óbitos classificados pela Classificação Internacional de Doenças (CID-10) como eventos que envolvem agressões e óbitos provocados por intervenção legal (códigos X85-Y09 e Y35-Y36), o que estamos chamando aqui de homicídios OMS, (Atlas da Violência 2018).
- 3 De acordo com o Mapa da Violência e o Atlas da Violência 2018, estamos considerando somente os homicídios dolosos.
- 4 Em vários momentos do texto foram utilizados os termos: preto, pardo e negro. Os principais institutos de pesquisa utilizam o termo “negro” para se referirem aos pretos e pardos.

Referências

- ARIES, P. *A história da morte no ocidente*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2003.
- ARIES, P. *O homem diante da morte*. Tradução: Luiza Ribeiro. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989b. v.1.
- BAUMAN, Zygmunt. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. *A Arte da Vida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.
- DELUMEAU, Jean. *O pecado e o medo: a culpabilização no ocidente (século 13-18)*. Tradução: Álvaro Lorencini. Bauru, São Paulo: Educ, 2003. Vol. I e II.

GIL, A. C.. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed., 8. reimpr. São Paulo: Atlas, 2007.

MARTINS, J., BICUDO, M.A.V. *A pesquisa qualitativa em Psicologia: fundamentos e recursos básicos*. São Paulo: Educ/Moraes, 2003.

TURATO, Er. *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa*. Petrópolis: Editora Vozes; 2005.